



O DISCURSO MÉDICO-HIGIENISTA NA ESCOLA (1921-1922): A INFÂNCIA NA IMPRENSA PARAIBANA

Maria do Socorro Nóbrega Queiroga/UFPB/CE/DFE

socorroqueiroga@gmail.com

Alanna Maria Santos Borges/UFPB

alannam.borges@gmail.com

Introdução

O presente artigo é fruto de uma pesquisa (PIBIC) e se inscreve, por um lado, no campo da História Cultural da Educação e da Infância, e da Análise do Discurso, na perspectiva da analítica de Michel Foucault (FOUCAULT, 2000), ou seja, da arqueologia e da genealogia. Trata do discurso médico-higienista na Paraíba, entre os anos de 1921 e 1922 utilizando como fonte¹ o jornal *O Educador – Orgam do Professorado Primario*.

O interesse em pesquisar e estudar a história da infância na Paraíba nos impressos pedagógicos se deu pela importância da temática abordada, além do jornal pedagógico ser fonte de pesquisas na literatura nacional, faltando investigações na Paraíba, sobretudo na perspectiva higienista.

As pesquisas realizadas apontam a representatividade da imprensa, sobretudo do jornal, como fonte e, no presente caso, a imprensa pedagógica, cujo discurso higienista é um indício do que pensava a sociedade paraibana sobre o processo educacional das crianças no período mencionado, configurado como Primeira República. Como espaço de produção de discursos e sentidos aborda temáticas relacionadas à educação, já que esse jornal foi produzido para professores, com a finalidade de se constituir em guias de suas ações.

Com o objetivo de investigar os discursos médico-higienistas produzidos sobre a infância na Paraíba (1921-1922), procuramos analisar como foram se constituindo no cenário local, a produção e as práticas não discursivas sobre a infância e sua educação, associadas aos preceitos higiênicos e eugenistas.

¹

Sobre a noção de fontes históricas, Cf. (PINSKY, 2008).



No início realizamos a coleta documental e a escolha bibliográfica, as quais deram suporte aos objetivos e à temática escolhida, em busca dos documentos que se constituíram em fontes históricas para a pesquisa e que tratavam do discurso médico-higienista na escola.

Escolhemos trabalhar com o jornal pedagógico *O Educador – Orgam do Professorado Primario* que circulou na Paraíba entre 1921 e 1922, o qual aborda, desde seu primeiro número e logo na sua primeira página matéria relacionada à higiene nas escolas destinadas às crianças da Paraíba. A análise da fonte pesquisada teve como referência a analítica de Michel Foucault, através das estratégias da arqueologia e da genealogia, segundo a análise do discurso, considerando sua produção em cenários das relações de poder-saber, seguindo duas etapas: análise do conteúdo propriamente dito e catalogação dos documentos. Sobre a importância do documento para a História, assevera Foucault (2000, p. 8):

A história, em sua forma tradicional, se dispunha a “memorizar” os *monumentos* do passado, transformá-los em documentos e fazerem falar estes rastros que, por si mesmos raramente são verbais, ou que dizem em silêncio coisa diversa do que dizem; em nossos dias, a história é o que transforma os *documentos* em *monumento* e que se desdobra, onde se decifravam rastros deixados pelos homens, onde se tentava reconhecer em profundidade o que tinha sido, uma massa de elementos que devem ser isolados, agrupados, tornados pertinentes, inter-relacionados, organizados em conjuntos.

Nesse sentido, foram selecionadas todas as matérias que tratavam da higiene escolar e da preocupação das instituições escolares com o disciplinamento dos corpos e com a higiene mental e moral das crianças durante sua infância no período histórico abrangido.

O discurso higienista sobre a infância presente no Jornal

As análises do discurso sobre a infância no jornal pedagógico *O Educador* nos conduziu aos conteúdos jornalísticos condizentes com as concepções da higiene escolar e pública e o papel do médico na escola (o médico-higienista escolar e a inspetoria de higiene escolar). Tal perspectiva de análise nos possibilitou compreender o discurso médico-higienista, cujos enunciados centrais eram o cuidado social com a infância, sua moral, segundo o autor das matérias jornalísticas publicadas.



A importância da utilização de impressos, no caso particular deste estudo os jornais pedagógicos –, guardadas as devidas proporções sobre o que significavam e a importância concedida a esses dispositivos no tempo que compreende o estudo –, como fontes de pesquisa para os estudos em História da Educação vincula-se a estratégia de investigar os registros que os jornais faziam circular sobre a infância como categoria social na particularidade do cenário paraibano, e tem implicações que carecem que se problematize quanto à própria produção e circulação, pois:

Os impressos também selecionam, ordenam, estruturam o acontecido, os fatos. Estrategicamente, narram aquilo que passou, selecionando interesses, atuando num jogo desequilibrado de forças. Forjam, legitimam e retificam valores, ideias, projetos, mobilizam discursos na produção de verdades. Operam na eleição dos fatos que chegam ao público, e na forma como os mesmos devem ser recebidos (LIMEIRA, 2012, p. 369).

A higiene escolar começa a ser discutida no jornal *O Educador* no dia 5 de Dezembro de 1921 e se estende até o dia 30 de Junho de 1922, com tiragem semanal, sempre expondo na primeira página matéria sobre a Higiene Escolar. O discurso higienista presente no jornal carrega as influências das questões do contexto social e pedagógico do tempo pesquisado, ou seja, as mudanças na educação e na sociedade, tendo em vista a necessidade de transformá-las segundo os preceitos europeus modernistas, através de estratégias para inculcar nas crianças as práticas higiênicas, “libertando-as dos vícios” e das mazelas da sociedade.

A higiene escolar esteve nesse período interligada com a higiene pública, definida como um meio de propagar a prevenção das doenças e o cuidado com a saúde (controle das moléstias), a mente e o corpo. A escola, nessa perspectiva veio a se constituir um campo fundamental para a ação intervencionista do movimento higienista. Nessa perspectiva se fez necessário a atuação dos médicos-higienistas no cotidiano escolar, buscando inculcar um padrão higiênico que possibilitasse uma ação salvacionista no desenvolvimento físico e mental na vida dos pequeninos, cabendo às educadoras sanitárias corrigir os maus hábitos de seus alunos e discipliná-los com ensinamentos higiênicos. Como destaca matéria do jornal:

O preceptor deve conhecer todas estas cousas e saber que a educação pode muitas vezes, senão modificar completamente o estado geral da crença, ao menos ter acção salutar sobre sua evolução. A educação



physica deve suprir tanto quanto possível as desigualdades hereditarias ou sociaes e dar as crenças o maximo da saude que possa adquirir. Em sua forma physiologica deve fazer parte do programma dos diversos estabelecimentos escolares, do mesmo modo que a educação intelectual e deve ficar sob a direcção techica dos medicos escolares, encarregados de registrar sobre as fixas sanitarias os resultados individuaes, determinando as indicções particulares.” (JORNAL O EDUCADOR, 1922, p.1).

Os higienistas adentraram as escolas buscando atingir a população paraibana sobre a importância da transformação da sociedade a partir dos ensinamentos de higiene pessoal e pública, tendo por finalidade proporcionar uma vida sadia, ativa e útil. Os ensinamentos pedagógicos aliados à higiene escolar se propunham ser o caminho “salvacionista” para os males existentes na sociedade paraibana, propondo-se atuar na mudança social de acordo a disciplinarização e o controle dos corpos e mentes para a formação de crianças robustas e aptas fisicamente para as diversas circunstâncias da vida.

As matérias jornalísticas do jornal *O Educador* sobre a higiene nas escolas paraibanas configuram um momento de constituição e apropriação do discurso médico-higienista sobre a educação e sobre a escola, centralizando-se na concepção de bem social da população: médicos e professores viam a escola como espaço coletivo disseminador dos males existentes que assolavam a sociedade, pois as condições sanitárias e higiênicas da Paraíba eram precárias, não havia controle sanitário e os cidadãos estavam sujeitos e expostos às doenças e epidemias. Os médicos higienistas enxergavam a escola como um meio para transformação dos males existentes e por esse motivo atuaram fortemente na área educacional, produzindo e fazendo circular discursos sobre o equilíbrio dos indivíduos em vários aspectos, tendo como objetivo sanar as dificuldades geradas no campo pedagógico, começando pela instrução infantil.

O jornal *o Educador* veiculava o discurso higienista sobre a estrutura física do ambiente escolar: era preciso que a higiene se fizesse presente em todos os espaços da escola (dimensões da sala de aula, construção do prédio, entrada do ar e móveis), nas minúcias prescrições e detalhes notava-se um controle absoluto, ou seja, o higienismo se propunha esquadrihar a infância, corpos dóceis a serem



governados, com o intuito de prevenir os desvios morais, físicos e intelectuais, dando relevância à elaboração de critérios para sanear a sociedade das problemáticas existentes, sendo este fator fundamental para transformar o país numa nação civilizada, moderna. Assim, a Paraíba passou a afirmar o discurso médico como um caminho de prevenção para os males existentes na região. Através desse discurso e de sua concepção sanitária, a educação escolar e as crianças passaram a ser um objeto de ação higienizadora e moralizadora.

Conclusão

Sob a influência dos centros urbanos nacionais onde se propagava mais rapidamente as mudanças que ocorriam no mundo, a educação era significada como via para as mudanças desejadas. É assim que, no início do Século XX, os temas dos debates e as preocupações de quem estava no ofício de educar se assemelhavam, em vários aspectos, como pode ser visto em outras pesquisas nacionais. Desse modo pensamos estar contribuindo com as pesquisas em História da Educação da Paraíba, sobretudo valorizando o jornal pedagógico como fonte, no campo temático do discurso higienista sobre a infância.

Referências Bibliográficas

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2000.
LIMEIRA, Aline de M. Impressos: veículos de publicidades, fontes para história da educação. *Cadernos de História da Educação* – v. 11, n. 2 – jul./dez. 2012.
PINSKY, Carla Bassanezi. *Fontes históricas*. 2a. ed. São Paulo: Contexto, 2008.
QUEIROGA, Maria do S. N. *O discurso do fracasso escolar como tecnologia de governo da infância: a arqueologia de um conceito*. 2005. f. 442. (Tese de Doutorado em Sociologia) – Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

Fonte

Jornal O Educador : Orgam do Professorado Primario. Anno I e II. Numero I ao XXXVII. Parahyba do Norte, 1921 e 1922.
